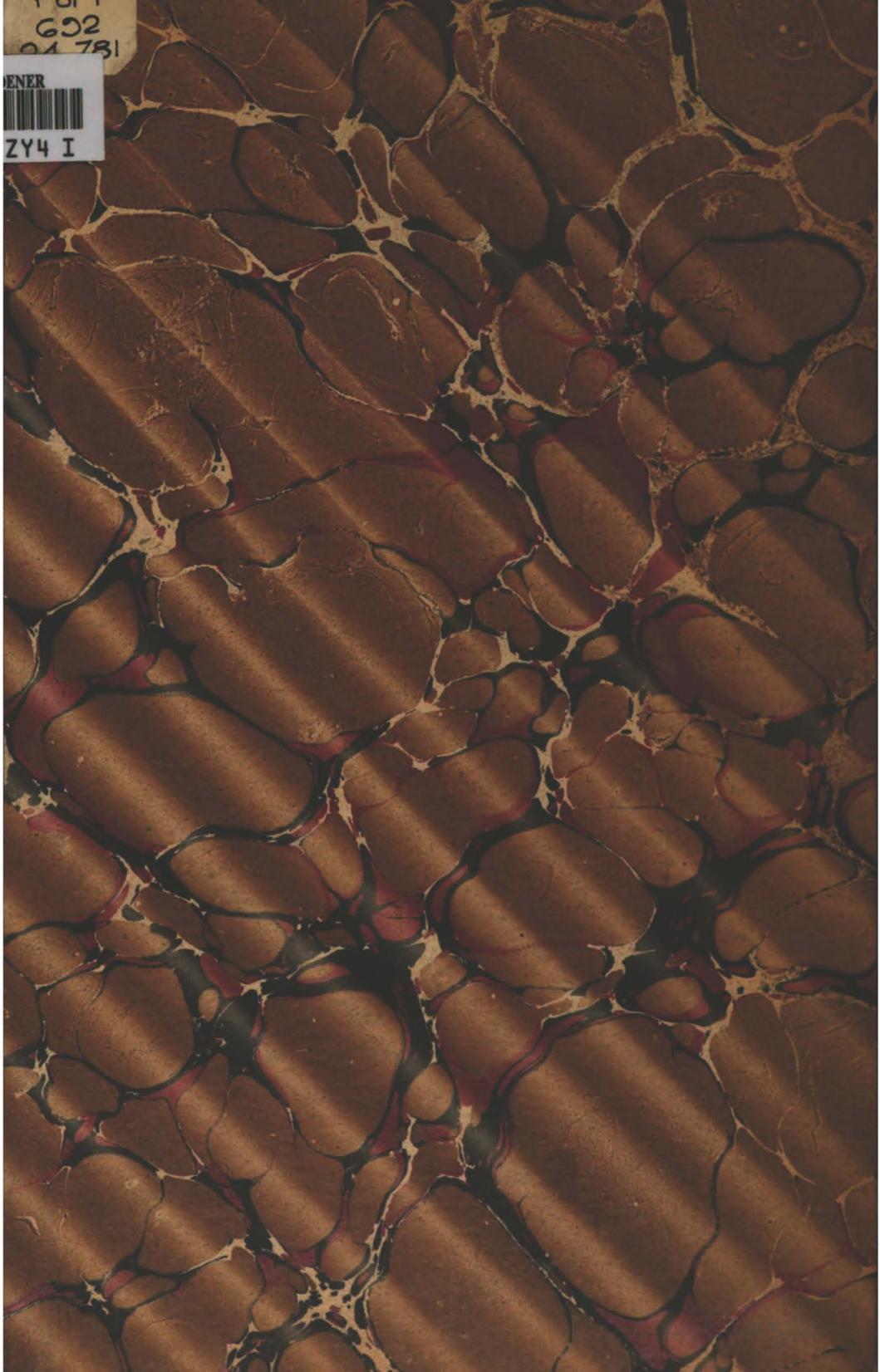
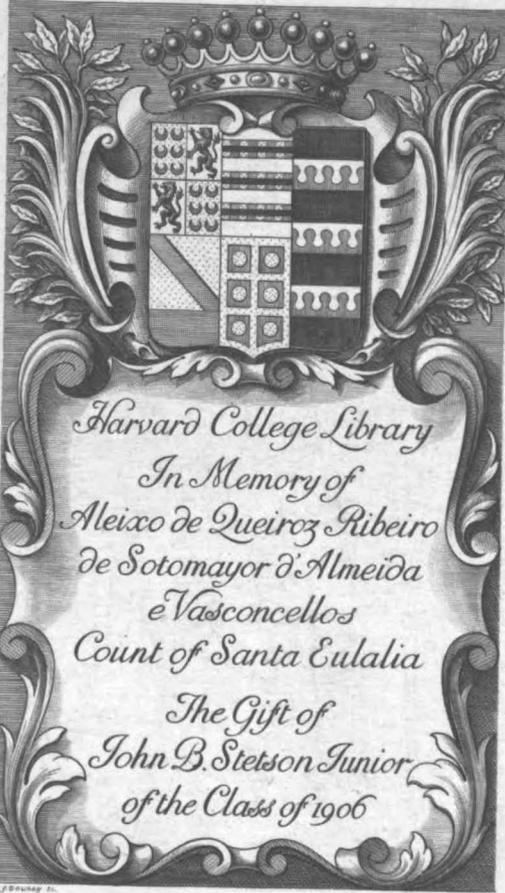


602  
01 781

ENER  
  
ZY4 I









3647

Lemos  
v. 4  
77  
62-110

S E R M ã O  
 DE  
 ACCÃO DE GRACAS,  
 PRÉGADO NA REAL CAPELLA  
 DA  
 UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
 EM A TARDE DO ULTIMO DIA DÓ TRIDUO,  
 EM QUE  
 O CORPO ACADEMICO  
 DIRIGIO SOLEMNEMENTE  
 Á PADROEIRA DA UNIVERSIDADE  
 E DE TODO O REINO,  
 MARIA SANTISSIMA,  
 DEBAIXO DO TITULO AUGUSTO  
 DA  
 SUA IMMACULADA CONCEIÇÃO,  
 O SEU AGRADECIMENTO PELA PORTENTOSA RESTAURAÇÃO  
 DA  
 MONARCHIA PORTUGUEZA  
 EM 1823.  
 POR  
 FR. JOSÉ DA SACRA-FAMILIA:



COIMBRA,  
 NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE: 1824.  
 Com Licença da Real Commisão de Censura,

Port 692.24.781

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
FROM THE LIBRARY OF  
FRANCISCO PALHA  
MAY 3, 1928

N

---

*Danti mihi Sapientiam dabo gloriam.*

ECCLES. LI. 23.

---

**D**E todas as brilhantes prerogativas, com que o homem foi creado, tão superior a todas as creaturas visiveis, nenhuma por certo o deve obrigar tanto a glorificar o seu Creador, como a capacidade, que lhe concedeu, de poder adornar seu espirito de conhecimentos uteis a si e aos outros. Em verdade, nada pôde haver mais glorioso para o homem, do que a profissão e posse da Sabedoria; porque ella é o *clarão da Luz eterna, o espelho sem macula da Magestade de Deos, e fiel imagem da sua infinita bondade* (1), abrangendo em seus conceitos *Deos, o homem, e o universo inteiro*, (2) é ella quem imprime no homem aquelle *espirito de intelligencia, santo, discreto, suave, benefico e immaculado*, pelo qual nelle sobremodo resplandece a propria imagem do Creador, que no acto da criação lhe foi impressa. Nenhuma profissão por tanto pôde haver mais nobre para o homem; porque nenhuma o assemelha e aproxima tanto ao seu Auctor. Nenhuma tambem mais proveitosa para a humanidade (3): porque é sómente a Sabedoria quem sabe calcular os elementos infinitamente variaveis da felicidade do genero humano; é sómente ella quem sabe escolher as soluções mais interessantes entre muitas, que podem admittir os problemas, de que depende a paz e felicidade do homem, da familia, da Cidade,

---

(1) Sap. VII. 26.

(2) Ibid. 14—23.

(3) Sap. IX.

do Reino e do Imperio ; é sómente ella (para que tudo diga d'uma vez) quem sabe preparar, e póde afiançar os bens, que o Supremo Auctor e Regente da ordem moral do universo se dignou preordenar para todos os homens (1). Que ditosa pois não deve ser a Nação, em que a Sabedoria for professada, escutada e attendida? !... Ah! *multitudo sapientum sanitas est orbis terrarum, et Rex sapiens stabilimentum populi sui* (2): ella será de todas a mais venturosa, e nunca enfadada se mostrará de glorificar a primaria fonte de toda a Sabedoria: *Danti mihi Sapientiam dabo gloriam.*

Mas pelo contrario, Sabios Academicos, quando a Sabedoria falta; quando se ignora a tão difficil, como perigosa arte de calcular os elementos da nossa felicidade; quando se resolvem os seus problemas com dados falsos; quando n'uma palavra, a falta de talento, a falta de estudo, e sobre tudo a falta de experiencia se intromettem a figurar nos altos negocios, que a Providencia Divina deixou reservados sómente para os Salomões, Lycurgos, Richelieux, e Mazzarinos... oh que pavoroso espectáculo então se offerece aos nossos olhos!!... As verdades mais importantes e melhormente estabelecidas pela ancianidade da experiencia, são desprezadas e insultadas; converte-se em opinião o que fôra sempre certeza para os Sabios; confunde-se o homem physico com o homem moral; corta-se a relação, que subordina o homem a DEOS, e o liga ao universo; calcula-se o interesse das paixões proprias a titulo dos interesses da humanidade; veste-se o frenezí com a capa do zelo; termos vagos e ambiguoos levantão o estandarte da confusão na ordem moral; destroe-se a subordinação dos seres moraes; perde-se a conformidade das acções com a linguagem... Oh que pavoroso espectáculo!!!... Então proclama-se a *Liberdade*, fundindo grilhões... proclama-se a *humanidade*, despedindo ballas, e armando guilhotinas... proclama-se a *prosperidade das Nações*; dismantelando Imperios... proclama-se a

(1) Sap. 3.

(2) Ibid. VI. 26.

*Religião pura*, derrubando os Altares da piedade... proclama-se o *amor da justiça*, invadindo o sagrado das propriedades... proclama-se em fim o *amor da verdade*, semeando e intimando os erros mais grosseiros e detestáveis... Oh que pavoroso espectáculo!!! Oh que desgraçada Nação, em que a Sabedoria é ignorada, ou desattendida e desprezada!!! Ah! ella tambem corre aos sagrados Templos do DEOS vivo: mas em vez de se occupar toda em glorificá-lo, por haver creado o homem capaz de Sabedoria, ella se occupa principalmente em implorar a sua Divina misericórdia sobre os estragos da ignorancia, ou *falsas Luzes*, que valem o mesmo: *Erravi, Domine, sicut ovis, quae perit, quare servum* (1) = *Noli me reprobare a filiis tuis... nam et si quis erit consummatus, si ab illo absuerit Sapientia tua, in nihilum computabitur* (2).

Que triste quadro este, oh Academicos, da Nação, em que a Sabedoria é ignorada, desattendida e desprezada, para ser contemplado a par do outro, que nos offerece aquella, em que a Sabedoria é professada, escutada e attendida!... Ambos elles porém nos tocão hoje muito de perto, oh Academicos de todas as ordens; porque em ambos elles vemos retratada a nossa querida Patria; em ambos elles (o que sobre tudo nos deve importar) vemos severamente recommendados os nossos deveres na qualidade de membros da unica Universidade de Portugal.

Na verdade, que foi Portugal nos venturosos dias d'um MANOEL, senão um Reino ditoso, porque nelle se escutarão e attendêrão os dictames da verdadeira Sabedoria?... E que foi Portugal no calamitoso periodo, a que ha pove mezes poz termo a nossa Celestial Padroeira, MARIA SANTISSIMA, senão um compendio de todas desgraças, porque a ignorancia, ou *falsas Luzes* o avassallárão até quasi ao ponto de lavar o epitafio á sua representação e independencia?

Congregados pois neste sagrado Templo para darmos

(1) Psalm. CXVIII.

(2) Sap. IX. 4-6.

um testemunho publico da nossa piedade e gratidão ao Ceo por tão assignalado beneficio . . . e collocados ante' o Throno daquelle SENHOR, por quem existem e deixão de existir os Reis e as Nações . . . daquelle SENHOR, que, quando lhe apraz, manda arvorar as bandeiras d'um MANOEL nos remotos confins da Asia, e quando lhe apraz, manda sepultar um SEBASTIAO nos adustos campos da Mauritania . . . daquelle SENHOR, que nos deu os talentos para professarmos a Sabedoria, que delle dimana, e que um dia nos apparecerá Juiz severo e inflexivel sobre o uso e abuso, que delles houvermos feito . . . oh Academicos! ser-nos-ha indifferente, que este acto do nosso agradecimento ao Ceo seja deste, ou daquelle modo regulado? . . . Não por certo: se como Christãos temos, bem como quaesquer outros Christãos, de adorar a Providencia de DEOS no mundo moral, e sómente nella buscar a explicação das vicissitudes humanas . . . se como Portuguezes somos, bem como quaesquer outros Portuguezes, de agradecer a DEOS e MARIA SANTISSIMA o salvamento da nossa Patria das garras sanguinosas da ignorancia e falsas Luzes do seculo, e lhes pedir o restabelecimento de um Governo presidido pela verdadeira Sabedoria . . . como Academicos nós temos de reconhecer, que é sobre nossos hombros especialmente que se acha depositado o formidavel cuidado de destruir o monstruoso e insubsistente edificio da ignorancia; ou falsas Luzes, e plantar o magestoso e estavel da verdadeira Sabedoria: *Vir sapiens plebem suam erudit, et fructus sensus illius fideles sunt* (1). Armas, oh Academicos; despedação corpos, mas não convencem espiritos. Pelo que, tendo-se desgraçadamente reduzido a objecto de opinião o methodo de fazer a felicidade politica de Portugal, quem, oh Academicos, ha de substituir á opinião a certeza, senão os que dictão e apprendem as maximas da verdadeira Sabedoria? . . . Ah! nenhum de vós me poderá contestar, oh Sabios, que, se ha nove meses nos foi necessario um milagre sollicitado por MARIA SANTISSIMA para destruir os effeitos

---

(1) Eccles. XXXVII. 26.

da falta de Sabedoria, agora para destruir as suas causas bastará sómente, que sejamos fieis aos nossos deveres: que se ha nove mezes, para não perecermos todos afogados em nosso proprio sangue, foi necessario, que pedissemos a DEOS misericordia, agora para sermos felizes ser-nos-ha bastante, que lhe peçamos Sabedoria: *Danti mihi Sapientiam dabo gloriam.*

Taes são, oh Academicos de todas as ordens, as considerações, que eu, firmado nas maximas mais claras e incontrôveras de thesouro das verdades eternas, vos proporei em mal ornado, mas verdadeiro Discurso, para regulardes o vosso agradecimento a DEOS e á Nossa Padroeira pela Restauração da Monarchia Portugueza em 1833. Esteve suspensa a protecção do Ceo aos Portuguezes pelo espaço de 33 mezes: conheçamos pois as causas desta suspensão, detestemo-l-as, emendemo-l-as. Este o objecto do meu Discurso.

Meu DEOS, vós que sois a primaria fonte de toda a Sabedoria; vós que nos concedestes a capacidade de a professarmos, para que todos os vossos Portuguezes participem dos seus saudaveis effeitos; vós, ΣΥΜΜΟΝ, que por intercessão de vossa Mãe Santissima nos salvastes do maior precipicio, em que jámais se vírão os vossos Portuguezes: illustrai-me, ΣΥΜΜΟΝ; dai-me Sabedoria para fallar dignamente de Vós, para gloria do vosso nome, e felicidade de Portugal. E vós, oh Academicos, prestai-me as attensões de Christãos, e a benevolencia de Sabios.



**F**Oi pelo espaço apenas de trinta e tres mezes, que experimentámos suspensa aquella mão invisivel e poderosa, que, tendo assistido aos Portuguezes desde o berço da Monarchia, fez desta pequena porção da costa mais occidental da Europa o assombro do Mundo inteiro ( 1 ): este curto espaço porém foi bastante, para que em parte experimentassemos, e em parte vissemos sobre nós imminente o quadro mais completo de horrores, que uma Nação pôde apresentar, quando se achia desamparada da Mão Divina.

Na verdade a Religião Santa dos nossos Pais, a Primogênita do Christianismo, nós a vimos desprezada, insultada e perseguida: o Throno dos nossos Monarchas, nós o vimos reduzido a um mero simulacro, e o seu tão digno, como legitimo Possuidor a um mero funcionario publico, e órgão passivo de vontades alhéas: o vasto e florente imperio, que o valor, a prudencia e a fortuna dos nossos maiores tiphão edificado nas quatro partes do mundo, nós o vimos desmembrado, dilacerado, ensanguentado: os Cidadãos Portuguezes, divididos, injuriados, espiados, perdidos; suas Propriedades invadidas; seu Commercio aniquilado; sua Liberdade totalmente éxincta; suas vidas ameaçadas; não vendo, n'uma palavra, ante seus olhos senão o funestissimo apparatus d'uma anarchia sanguinosa!!! Oh Academicos!... que pavoroso espectáculo offereceo a nossa Patria naquelles dias calamitosos!... Que dirião, se assim a vissem, como nós a vimos ainda no anno passado por este tempo, um AFFONSO I., um JOÃO II., um MANOEL o venturoso?!... Mas ah! deixemol-os gozar em paz o merecido premio da sua prudencia e piedade. Dizei-me porém, oh Sabios, que me escutaes, dizei-me, aonde encontraes na Historia politica das Nações um quadro, que seja substancialmente conforme e similhante

---

(1) *Maced. Div. Tutel.*

a este?... Ah!... Folheai, folheai, como bem quizerdes; as Chronicas e os Annaes politicos de todas as Nações, e não exceptueis de modo algum os da famosa Roma; que um quadro tão completo de calamidades e de horrores... um quadro, em que figurem atacadas ao mesmo tempo a Santidade da Religião, e a vida dos seus Ministros; a magestade dos Thronos, e a vida dos Monarchas; a independencia das Nações, e a moral e vida dos Cidadãos... um quadro tão completo de todos os crimes... um quadro como o que offereceo a nossa Patria, debalde o procurareis, a não ser no seu original, quero dizer, na desgraçada França desde 1789, até cair nas mãos daquelle Despota, que tambem nos pretendeo avassallar; ou mais extenso ainda, em todo esse calamitoso intervallo, que medeou entre Luiz XVI. e Luiz XVIII.: porque só ahi foi que entre ondas de sangue innocente ostentou o espirito humano todos os seus desvarios, e as paixões humanas todos os horrores, de que podem ser causa e instrumento.

É por tanto uma verdade indisputavel, que as verdadeiras e originaes causas das nossas desgraças são anteriores a 1789; e como a experiencia assim da França; como de Portugal, nol-as appresentou como resultados de theorias, e sempre abonadas em discursos empolados, é outra verdade igualmente indisputavel, que no estado do espirito humano é que nós poderemos e deveremos encontrar e conhecer aquellas causas funestissimas. Ora os factos são: = ter-se atacado de frente a Religião do Paiz; ter-se atacado de frente o Governo existente; e ter-se atacado de frente a Moral publica. = Vejamos por tanto quem deu o tom em Theologia, em Politica e em Moral no Seculo XVIII.

Que deshonra porém, oh sabios Academicos, para o homem, que DEOS creou capaz de Sabedoria, se nos vai patentear por um tal exame?... Que? vós o sabeis, oh Professores sabios e eruditos... Um Literato (cuja celebridade não deve ter outro fundamento, senão o de ter composto optimas Tragedias, e pretendido tambem os louros da Epopea

por meio de brilhantes antitheses), repetio as proposições de Celso e de Porphyrio: e como empregou sarcasmos em vez d'argumentos, e mentiras em lugar de factos, eis aqui o Oraculo do Seculo XVIII. em materias de Religião; e o *atheismo*, mais ou menos disfarçado, começou de caracterizar o Seculo. Um visionario, que foi premiado em Dijon por dizer com eloquencia, que seria mais vantajoso aos homens professarem grosseira e estúpida ignorancia, do que sublimada Sabedoria, sonhou, que o vinculo Social nascêra d'um contracto e convenção popular. A razão o reprova, a historia o desmente: mas como elle o disse com eloquencia, foi acclamado Oraculo da Politica do Seculo XVIII.; ensinou-se e propagou-se a sua doutrina, e o *convencionalismo* começou de caracterizar o Seculo. Outro, não vendo no seu *espírito*, senão o *physico do homem*, mas querendo apezar disso discorrer e legislar sobre o homem moral, não pôde achar senão o interesse proprio para motivo das acções humanas. Agradou a sua doutrina, porque era conforme ao plano das paixões humanas: elle foi acclamado Oraculo da Moral do Seculo XVIII.; e o *egoismo*, ou *sensualismo* em Moral começou de caracterizar o Seculo.

Tendo pois sido estas as doutrinas, que caracterizarão a chamada Philosophia do Seculo XVIII., como poderia, oh Academicos, deixar de apparecer o quadro de *ignorancia* e de *barbaridade*, sua companheira inseparavel, o qual fôra pelos verdadeiros Sabiões logo previsto, e agora se tem proposto destruir o genero humano? . . . D'*ignorancia*, digo, oh Academicos: e ponderemos bem este assumpto, para melhor conhecermos os nossos deveres, e fazermos, quanto possivel seja, racional o nosso agradecimento á nossa Celestial Padroeira.

Na verdade, negada a existencia de DEOS e a sua Providencia na ordem moral, que resta para se estudar e saber sobre o mais amplo objecto dos conhecimentos humanos? Estabelecido o *convencionalismo* em Politica, e o *sensualismo* em Moral, que resta para se estudar e saber em sciencias moraes, alem da marcha irregular das tumultuosas e sanguinosas

lentas ondulações da plebe enfurecida, e dos inúteis projectos de faltar o insaciavel appetito de paixões perigosas? . . . Que resta para exercicio do espirito humano? . . . Que resta para manter a distincta ordem dos Sabios, tão venerada em todos os Seculos? . . .

Que nel-o diga a experiencia. Porque na verdade, concedendo meoano, que aquellas doutrinas fossem no seu principio erros e desacertos de homens, por ventura sabios e instruidos; com tudo, depois que pelo apoio, que prestarão ás paixões humanas, se fizerão vulgares e da linguaagem da moda, ellas se converterão em puras ignorancias. Para o que notai bem, oh Academicos: quem são os Sabios applaudidos, no nosso Seculo? São os homens de grandes talentos, acompanhados de muito estudo, e de muita experiencia? . . . Não. O nosso Seculo tem o privilegio de produzir *Sabios* sem dependencia de estudos, nem de talentos. Em qualquer sabendo dizer = *não ha Deos, não ha outra vida, o Rei não é mais do que eu, estou livre de prejuizos, já não creio em abusos* = está perfeitamente no tom do Seculo; e se juntar a isto a grande sciencia dos nomes dos mais celebres propagadores destas doutrinas, e a insolente arrogancia de se não reputar responsavel senão á sua *illuminada razão* de quanto faça, ou diga, então é um Sabio da primeira ordem, um digno successor dos grandes Oraculos, e distincto luminar do *Seculo das Luzes*. Oh detestaveis *Luzes*, que funesta sombra tendes lançado na historia do espirito humano!!! . . . Ah! nós a temos presenciado, oh Academicos! . . . Já vimos e presenciámos homens da infima plebe arretrados em censores de Lyeurgo! . . . Já vimos e presenciámos, o que embaraçou os Socrates e Platões, peremptoriamente resolvido por officiaes mechanicos do nosso Seculo! . . . O que exercitou os talentos extraordinarios dos Chrysostomos, dos Agostinhos, dos Bossuets e Fenelons, olhado com desprezo por quem nem sabia fallar! . . . Os monumentos da gloria dos Paulos e Ulpianos, Theodosios e Justinianos (sem os quaes nunca existirão os Grocios e Puffendorfficos; assim como sem estes nunca saberião sonhar tão engraçadamente os

• •

Milangieris e Alfieris . . . ) ah ! fallai vós por todos , oh sabios Jurisconsultos ... fallai vós , que os-vistes objecto de desprezo e de irrisão para quem tudo sabia , sem ter apprendido nada!!!...

Quando pois a voz da auctoridade e do commando chegou a ser dirigida por taes *Luzes* (as quaes são , como vêdes , a *ignorancia em pessoa* ) , que admira , que se pozesse logo em campo a *barbaridade* sua companheira inseparavel? . . . Que admira , que a França nadasse em sangue sem outra vantagem , que passar de Luiz XVI. para Luiz XVIII. ? Que admira em fim , que Portugal passasse por tão duras provas para conhecer , que as *Luzes* , que o podem felicitar , não são as *Luzes* espalhadas no Seculo XVIII. ? . . .

As *Luzes* , digo , espalhadas no Seculo XVIII. ! . . . Oh Sabios , permitti-me um desabafo sobre este ponto.

Oh espantoso invento da Imprensa , que bens promettes trazer algum dia á humanidade , com que lhe pagues os males , que lhe tens causado ? . . . Eu vejo antes de ti Monarchias e Republicas mui florentes . . . agora não vejo senão desgraças , de que tu foste o instrumento ? ! . . . Eu vejo que sem ti não perecêrão nem os nomes , nem as Obras dos Homeros , Pindaros , Herodotos e Platões ; dos Plinios , Ciceros e Tacitos ; dos Tertullianos , Chrysostomos e Agostinhos . . . vejo que tudo quanto tinha merecimento real , sempre escapou á voracidade do tempo e do esquecimento : e agora vejo , que és tu quem os sepultas no esquecimento , chamando a attenção dos incautos para uns doirados , mas detestaveis caderninhos , que não contém senão ignorancias e despropositos ? ! . . . Oh quanto mais felizes seriamos , se estivessemos reduzidos á leitura de Theologos , Politicos e Humanistas daquelle cunho !... Ah ! nós edificariamos então a nossa instrucção sobre corpos completos de doutrina em todo o genero de conhecimentos , e não sobre enfiados caderninhos , tão cheios de pompa nos titulos , por que se inculcão , como vazios da doutrina , que lhos devia sustentar : então teriamos idéas fixas e determinadas nas sciencias , que mais de perto interessão a humanidade ; e estas serião sim firmadas sobre a razão ; não sobre a razão inculta e barbara da vil gentalha ; não sobre a razão

superficial, corrompida e escrava dos Pseudo-Philosophos do Seculo XVIII. ; mas sim sobre a razão culta e illustrada dos grandes homens, que immortalizárão os Seculos mais brilhantes da Literatura e da Igreja.

Quem o não verá, sabios Academicos? . . . Na verdade, que sem Religião não ha costumes, que sem costumes não ha Cidadãos ; e que sem Cidadãos não ha Governo ; eis aqui a importantissima e fundamental verdade, que caracterizaria o nosso Seculo, se se lesse sómente por aquelles livros, se se estudassem os homens pelos mesmos homens, e as Nações pela sua historia fiel. Estabelecida esta verdade fundamental, apoz ella se seguirião sem violencia todas as outras, de quo se achão dependentes a paz e ventura de todos os homens. Como porém se desprezou, ou antes se ignorou grosseiramente esta verdade fundamental, começou logo, sem se poder atalhar, a mais desastrosa confusão em toda a ordem moral. Confundio-se a piedade com o fanatismo, a impiedade com a philosophia, a liberdade com a licença, a auctoridade com a tyrannia, a ventura dos Governos com a fórma dos Governos, os direitos adquiridos com os direitos usurpados, a vontade particular com a vontade geral, o egoismo com o patriotismo, os homens e Nações reaes com os homens e Nações ideaes . . . e qué succedeo? Accendeo-se o fanatismo politico, mais fecundo ainda em atrocidades, que o fanatismo religioso ; começárão todos a fallar muito no que mais ignoravão ; prostituirão-se applausos á ignorancia e ao frenesi . . . eis que então se appresentou logo a anarchia, e com ella os sacrilegios, os roubos, os assassinios, os Regicidios, e todas as calamidades, que fazem appetecer a Religião e o Governo. Assim o digo, oh Academicos, *que fazem appetecer a Religião e o Governo* ; pois me não tenho por temerario em affirmar-vos á vista dos effeitos, que já tem produzido a *ignorancia* rebuçada com o nome de *Luzes* e de *Philosophia*, que = se nunca vi a Religião mais insultada, também nunca vi o Christianismo mais glorioso : e se nunca vi a vida dos Monarchas mais arriscada, também nunca vi as Monarchias mais recommendadas. = Dize-o tu, oh desgraçada França, que bebeste

o copo de fel até ao fundo! Oh se a tua dura experiencia tivesse servido d'exemplo a todos os Povos!! . . .

Mas não o permittio assim a Providencia, oh Academicos. O espirito revolucionario penetrou tambem a nossa chára Patria: a boa fé, e por ventura simplicidade d'uma grande parte dos Portuguezes se deixou tambem illudir com as apparatusas promessas d'uma felicidade ideal: e a nossa Celestial Padroeira consentio, para advertencia dos seus Portuguezes, e castigo da sua leveza, que elles levassem pelo menos á boca o copo de fel, e provassem alguma coisa das decantadas felicidades de uma copia mais, ou menos fiel, mais, ou menos miseravel da famosa Constituição de 1791, que foi reputada a quinta essencia da Philosophia do Seculo XVIII. E que vimos nós, oh Academicos? . . . Ah! vimos dentro de poucos mezes todo o apparatus, que destroçou a França . . . todo o apparatus para subirmos por turno ao eadafalso ao som de *tolerancia e liberdade* . . . todo o apparatus em fim para ser reduzida a um montão de ruinas a nossa querida Patria, em cujo local diria apenas algum ousado viajante: = *Aqui jaz Portugal com toda a sua antiga gloria: acabou as suas proprias mãos em 1823.* =

Esta seria sem duvida a nossa sorte, oh Virgem Pura, se quando vós nos deixastes para nossa advertencia, nos tivesses de todo perdido de vista . . . se quando consentistes no castigo, vos tivesses esquecido de que ereis Mãe . . . se quando os vossos Portuguezes peccarão, os tivesses excluido de filhos vossos. Porém vós, SENHORA, como sois verdadeira Mãe de quem morreo pelos peccadores, por isso, apenas vistes, que íamos a cair no abysmo, logo nos estendestes o braço. Bemdita seja para sempre a vossa protecção! . . . Nós a hemdizemos, oh Virgem Sagrada! . . . porque a ella devemos o não presenciarmos um Regicidio . . . o não vermos decretar a *deschristianização* e a *desmoralização* dos vossos Portuguezes! . . . a ella devemos, SENHORA, o não chegarmos a ver os Templos Sagrados, em que vos veneramos, e em que adoramos o vosso Unigenito, convertidos em casas de prostituição, ou dedicados ao culto de Murats . . . a ella,

e sómente a ella , devemos o não acabarmos de todo afogados em nosso próprio sangue ! Bemdita sejaes para sempre , oh Padroeira illustre dos Portuguezes !!!

Em verdade, oh Academicos, que foi a nossa Restauração, senão um milagre visível da nossa Padroeira Celestial? . . . Ah vós o sabeis, Portugal o sabe, a Europa o sabe, o Mundo inteiro o sabe. Foi no fim d'um Novenario, em que todos os Portuguezes genuinos e de educação antiga imploravão com lagrimas piedosas o auxilio da sua Mãe do Ceo, que apparecemos portentosamente resgatados. Acudio-nos a Mãe do Ceo, quem se atreveria a retardar nossa ventura? . . . Ah n'um momento se converteo o luto em alegria . . . n'um momento se desfez todo o prestigio, que nos detinha no captivo . . . n'um momento se fez patente, que o que se dizia ser *vontade Nacional*, era só *vontade de muito poucos* . . . n'um momento se desenganarão todos de que toda essa valentia e audacia, com que se protestava deabaratar as terriveis falanges da Europa armada, não era mais do que um triste desabafo de vergonhoso medo e cobardia . . . n'um momento em fim tudo desapareceo, não restavão para a posteridade coisa alguma digna de respeito, senão que = *os Portuguezos tambem se engando, mas tem no Ceo quem os protego.* =

Reconheçamos pois, oh Academicos, e agradeçamos á nossa Celestial Padroeira o maior dos beneficios, que Ella tem feito aos Portuguezes; porque muito bem vêdes, que os nossos males chegarão a ponto de sómente Ella os poder suspender; e o modo, por que os suspendeo, sem que ver-tessemos o nosso sangue, faz incontestavel a sua intervenção.

Não fiquem porém a isto sómente reduzidos os actos do nosso agradecimento á nossa Padroeira, porque o motivo, que hoje aqui nos congrega, faz muito mais extenso o nosso dever. No mundo moral existe a mesma regularidade, que no mundo physico, porque o Auctor é o mesmo. Em ambos elles o presente é obra do passado, e o futuro tem no presente os seus elementos. Pelo que, se os nossos males no Seculo XIX. tiverão a sua origem nas *falsas e detestaveis*

*Luzes do Seculo XVIII.*, a quem mais do que a nós pertencerá substituir aquellas falsas Luzes a verdadeira Sabedoria, a fim de não tornarmos a merecer outro desamparo do Ceo, e a precisarmos d'um milagre para não acabarmos de todo?... É pois bem claro, que um protesto de fidelidade aos nossos deveres na qualidade de Academicos deve ser inseparavel dos outros actos do nosso agradecimento.

Lembraí-vos pois, oh Academicos, que tendo DEOS creado todos os homens com dependencia da tradição de seus maiores, e do ensino de seus contemporaneos, para gozarem da felicidade, que elle lhes preparou no mundo e na eternidade, é a nossa Universidade a principal e mais abundante fonte desta tradição e deste ensino para todos os Portuguezes. É daqui por tanto, que deve sair contra a ignorancia a Sciencia, contra o furor a prudencia, contra a opinião a certeza... É daqui n'uma palavra, que se devem principalmente fulminar os raios, que destrocem os erros, que se achão defendidos pela furia das paixões, depois de terem sido inculcados pela arrogancia de presumpção, e espalhados com o descaramento da ignorancia.

Academicos de todas as ordens, ponderemos bem este nosso dever na presença daquelle SENHOR, que nos ha de pedir estreita conta do seu desempenho. É a nosso cargo que Elle tem commettido o edificar o magestoso edificio da verdadeira Sabedoria em todas as repartições do Estado. Empenhemo-nos pois de veras, oh Academicos, em dirigir para todos os pontos da Monarchia os raios purissimos das verdadeiras Luzes, a fim de redtízirmos aquelles Portuguezes, que por ventura ainda se achem illudidos, do paiz chimerico das abstracções para este mundo e nação real, em que temos de viver temporalmente, e nos prepararmos para a vida eterna. Convençamol-os de que os vocabulos: *Nação, Regeneração, Humanidade, Liberdade, Igualdade*, tomados abstractamente, são divindades iradas da imaginação: quando figurão n'uma Ode brilhante, applacão-se com os applausos da multidão, e com a approvação dos Aristarchos e Boileaux; mas quando figurão practicamente em Politica, sómente se

aplicação com o sacrificio cruento das Nações reaes, e dos homens reaes. Foi ao som de *viva a Nação ideal* que a França desaparecendo do catalogo das Nações, e se desorganizou, e desmembrou o nosso querido Portugal: foi ao som de *viva a humanidade ideal* que a humanidade real dos Francezes (sem excepção dos mesmos, que daquelle modo proclamavão) offereceo ao Mundo o espectaculo mais sanguinolento, que se ha visto; e que a humanidade real dos Portuguezes verteo sangue no Radial e Amarante, e o florente Brasil ainda hoje se despedaça: foi ao som de *viva a Liberdade ideal* que vimos entulhadas as masmorras e todos os caminhos, que conduzião para os degredos: foi ao som de *viva a Igualdade ideal* que vimos o Sabio insultado pelo ignorante, o valeroso pelo cobarde, o pai pelo filho, o Magistrado pelo Cidadão, o Commandante pelo Soldado: foi ao som de *viva a Restauração ideal dos venturosos dias d'um Manoel* que vimos murchar e perder-se toda a sua gloria: foi, n'uma palavra, ao som de todas estas abstracções que vimos dissolver-se a *Sociedade real*, porque se quiz fazer visivel a *ideal*.

Convençamol-os, oh Academicos, de que o homem nasceo sómente para a mediania; e por isso tudo quanto a respeito d'elle tenher a *optimismo*, será um erro, e será uma desgraça. Convençamol-os de que ao Povo sómente pertence appetecer e gozar a paz, mas nunca definil-a; adorar a Religião, mas nunca disputar sobre a TRINDADE Santissima; ser virtuoso, mas nunca legislar sobre a virtude: porque elle é de tal natureza, que ou ha de obedecer humildemente, ou mandar com soberba e tyrannia. Convençamol-os em fim de que devem deixar as *Republicas de Platão* para quando todos os homens forem Platões; isto é, para quando todos os homens sem excepção forem tão sabios e tão avaliadores da virtude, como o foi aquelle eminente Philosopho: mas affirmemos-lhes mais, que ainda em tal caso será um despropósito da primeira ordem dizer, que = *Lei e vontade pôde chegar a ser uma e a mesma coisa entre os homens*, = que = *o amor da honra e o amor da gloria são fundamento sufficiente de moralidade*, =

Academicos . . . a Patria está com os olhos fitos em nós , e a nossa obrigação clama. Façamos pois guerra implacavel á ignorancia ; e principalmente á que anda disfarçada debaixo da especiosa capa do *charlatanismo* Literario , a qual é tanto fonte da immoralidade e irreligião , como a Sciencia profunda o é de Religião e de virtude (1). Religião . . . Religião , oh Academicos ; porque sem Religião não ha costumes , sem costumes não ha Cidadãos , e sem Cidadãos não ha Governo : pelo contrario havendo Religião ha costumes , havendo costumes ha Cidadãos , e havendo Cidadãos , todas as fôrmas de Governo são boas , com tanto que se achem estabelecidas , e sejam á antiga. Religião . . . Religião , oh Academicos : porque se a vemos muito desprezada , é porque é muito ignorada ; e ao hem , que muito se ignora , facilmente se renuncia. Não consintamos , que Portugal apprenda por experiencia , que a anarchia é tão inseparavel do atheismo , como a barbaridade o é da ignorancia. Religião . . . Religião , oh Academicos ; porque sem ella ninguem pôde conter os funestissimos extravios da razão humana : lembrai-vos de que já a vimos exaltada no Seculo XVIII. a ter um Templo em Paris ; lembrai-vos de que ainda a ouvimos proclamar como verdadeiro e unico manancial de felicidade : mas notai , que os homens todos andão em guerra uns com os outros só pelo motivo de cada um usár da sua razão. E qual será a causa ? É porque se ella desacompanhada da Religião muito val , e muito pôde brilhar na parte especulativa das Sciencias humanas ; com tudo , quando tem de trabalhar , tendo defronte os nossos prazeres , interesses e caprichos , é uma verdadeira escrava destes , varia com elles , desproposita com elles , é tão detestavel , como elles. E é por isto que ainda repito == Religião . . . Religião , oh Academicos. ==

Taes devem ser pois os objectos do nosso protesto , para que o nosso agradecimento possa ser aceito pela nossa Pátria Celestial. Se o não verificarmos , oh Academicos , continuaremos no mesmo perigo e na mesma necessidade ; e

---

(1) Bacon, *de augm. Scientiæ*

uma repetição das calamidades, que vimos sobre nós imminentes, envenenando os Mirabeaux, levando indistinctamente á guilhotina os Luizes e Robspierres, não deixará ficar impunes as nossas omissões. Então nós queremos queixar-nos das pessoas, mas todas as nossas queixas deverão recair sobre nós mesmos. Em verdade, Academicos, eu não vos prégo odio ás pessoas; prégo-vos sim odio ás perversas doutrinas: amai as pessoas, detestai as doutrinas; vivei em paz com os homens, mas em guerra com as doutrinas; perdoai aos homens, mas não perdoeis ás doutrinas (1): porque esses homens pouco durão, a morte não os perde de vista; as doutrinas porém ficarão permanentes, se as não destruímos. Pelo que, se não perdoardes aos homens, mas perdoardes ás doutrinas, as doutrinas vingaráõ os homens.

Combatei pois, oh sabios Professores, combatei os erros do tempo actual com o zelo e prudencia de Sabios, e com a caridade de Christãos; servi a Patria, com a fidelidade da Portuguezes.

E vós, oh flor da Mocidade Portugueza, agradecei á vossa Celestial Padroeira o grande beneficio, que alimenta hoje o vosso Religioso contentamento: mas protestai-lhe tambem a docilidade, de que depende a vossa instrucção; protestai-lhe apprender sómente aquella solida e genuina Sabedoria, que póde felicitar os seus Portuguezes, aos quaes tendes de instruir e governar; protestai-lhe detestar as *Luzes*, que se apprendem e sepultão em trevas; protestai-lhe em fim, que sereis Sabios, que sereis Portuguezes, que sereis Christãos.

De que valeráõ porém, oh meu DEOS, todos estes protestos, se vós do alto os não abençoardes?!... Que são, SENHOR, todos os protestos dos homens, por mais cor-deaes que sejam, e todos os seus planos, por melhor combinados que sejam, senão uma leve poeira, que o vento levanta e arrebatá, se vós do alto os não approvaes?!... (2)

---

(1) Matth. VI. 14, 15. Ad Timoth. IV,

(2) Psalm. L

Abençoai pois, SENHOR, a porção mais nobre dos vossos Portuguezes, que hoje agradecendo, protesta na vossa Divina presença, como outr'ora fez o vosso Povo escolhido (1). Dai-lhe, SENHOR, aquelle *espírito de intelligencia discreto, suave, benefico e immaculado* (2), proprio sómente da Sabedoria, que de vós dimana, a fim de que em Portugal renasça aquella piedade, heroismo e lealdade, que tanto foi do vosso Divino agrado nos tempos brilhantes da Monarchia. . . Abençoai-nos, SENHOR . . . abençoai o digno Successor do vosso fiel Servo, o invicto Affonso . . . dai-lhe Sabedoria, para que elle seja o estabelecimento do seu Povo. . . (3) Abençoai, SENHOR, todos os vossos Portuguezes, para que vos temão. . . para que vos amem . . . para que em fim vos glorifiquem no tempo, e principalmente na eternidade.

---

(1) Deuteron. XXIX.

(2) Sap. VII.

(3) Ibid. VI.

F I M.























